



## 5º Simposio de Ensino de Graduação

### LITERATURA CONTEMPORÂNEA: A QUEBRA DO RACIONAL POR INTERMÉDIO DO “SONHO” NA OBRA “SONHOS TROPICAIS”

#### Autor(es)

DANIELE C. DOS SANTOS PASCUALI

#### Orientador(es)

Vadinea Aparecida Detoni Corbini

#### 1. Introdução

Sabemos que o século XX foi marcado por inúmeros acontecimentos, que contribuíram para a consolidação definitiva da emancipação das Letras e das Artes brasileiras. Logo, podemos observar nesse período uma abertura para as vanguardas e muitas mudanças, inclusive o impulso das rupturas. A partir disso, há a quebra da linearidade, o surgimento da estrutura caótica, fragmentada e ambígua, a quebra da lógica racional e do individual. Este trabalho realizou-se em cumprimento à disciplina de Literatura Brasileira III, oferecida ao 7º semestre de Letras-Português, ministrada pela Profª Vadinéa Ap. Detoni Corbini. Dentre um vasto acervo, optamos pela obra “Sonhos Tropicais” de Moacyr Scliar, afinal dela, procuramos vislumbrar uma perspectiva de olhar do homem pelo homem, e como esse pode ser feito por meio da tônica do “sonho”, quebrando a lógica do racional. Ressaltamos que não vamos nos deter em discutir os vários estudos freudianos em Psicanálise, utilizaremos apenas uma definição de “sonho” para percebermos como é possível, por ele, unir passado e presente.

#### 2. Objetivos

Comentar como o “sonho”, rompendo com o racional, torna possível a união de dois extremos tão antagônicos e ao mesmo tempo tão similar que é o passado e presente do Brasil.

#### 3. Desenvolvimento

Para se discutir sobre o papel do “sonho” nessa obra de Moacyr Scliar, faz-se necessário ressaltar dois pontos: 1) algumas características bibliográficas do autor, as quais são decisivas para o entendimento desse romance; 2) destacar dos estudos do “Pai da Psicanálise” a definição de “sonho diurno”, ou “devaneio”. O primeiro ponto trata-se da própria formação médica de Moacyr Scliar, pois foi pela sua formação médica, com especialidade em microbiologia, que sempre se ateu aos “pequenos detalhes” para entender os

“grandes”. Essa característica de observação garantiu a esse autor uma maneira crítica de analisar a própria realidade do homem, em especial, do brasileiro. Toda essa bagagem está também presente em suas obras ficcionais, pois mais que simplesmente “escrever e descrever”, Scliar faz de suas obras verdadeiros “prontuários” da realidade do Brasil. Isso não é diferente na obra que propomos comentar, pois além de traçar uma ponte de encontro entre o passado e o presente brasileiro, Scliar dá voz a sua própria formação – constitui um narrador médico – para dar conta de uma perspectiva de interpretação do que é o Brasil. O segundo ponto é o que garante a possibilidade de “ponte” entre passado e presente, pois “sonho diurno” é definido por Freud como: [...] um enredo imaginado no estado de vigília, sublinhando assim a analogia desse devaneio com sonho. Os sonhos diurnos constituem, como o sonho noturno, realizações de desejo; seus mecanismo de formação são idênticos, com o predomínio da elaboração secundária. (LAPLANCHE, 1988, p. 634) Ora, o que observamos é que o devaneio é um tipo sonho que requer mais elaboração e participação racional para constituir um enredo imaginado e coerente. É somente por esse sonho que se une passado e presente.

#### 4. Resultados

O “sonho” (que ora se assemelha a desejo, ora a devaneio, ora ao impossível, ora ao possível) é o único responsável por unir em um fio narrativo o passado e o presente de nosso país. Destaquemos alguns enunciados logo do próprio início do romance que demonstram a presença constante do “sonho” em suas mais diversas facetas: -Devaneio “[...] Avião – sabes o que é, Oswaldo. Mas não se trata dos frágeis engenhos voadores construídos por Santos Dumont, que chegaste a conhecer;...”(p. 5) A figura de Santos Dumont sempre esteve ligada a sonhos impossíveis, até mesmo o avião é uma própria metáfora para o “sonhar”, o “estar nas nuvens”. -Possibilidade “[...] hoje, enormes aeronaves varam o espaço. Esta trará em seu bojo quatrocentas pessoas;...”(p. 5) Do que era irreal e puro devaneio, os “sonhos” de Santos Dumont, se tornou um dos grandes meios de transporte, muito utilizado na atualidade. -Fantasia “[...] brasileiros voltando de Nova York e de Disneyworld, com seus aparelhos de som, suas câmeras, seus videocassetes; ...” (p. 5) Todos sabemos que a Disney é o “mundo da fantasia” ou mesmo o “mundo dos sonhos”, assim, novamente o sonho, em outra conotação, está presente. Esses são pequenos trechos que já na primeira página do romance demarcam que a figura do “sonho” será o tempo todo construída e reconstruída para permitir uma ponte de união entre passado e presente. Mas a pergunta que nos fica é: por que tentar unir em uma ponte o passado e o presente? E por que o sonho? Ora, a resposta somente pode ser dada se observarmos o próprio contexto social dessas duas épocas que ao mesmo tempo tanto diferem e tanto se parecem: início e final do século XX. Para que se observe as semelhanças e diferenças é necessário que nos atentemos em dois grandes personagens. De um lado, final do século XIX e início do XX, a figura de Oswaldo Cruz, médico e sanitarista muito importante para o cenário cultural, político e da saúde de seu tempo; e, do outro lado, para demonstrar o “nosso” tempo (esse romance foi publicado em 1992) temos uma figura ainda mais importante: um narrador que é capaz de “dialogar” com o “fantasma” de Oswaldo Cruz, travando com ele um questionamento sobre seus atos e ações, seus medos, suas angústias, etc.: “Ele vira, Oswaldo. Dos céus: virá de avião, Oswaldo. Avião – sabes o que é, Oswaldo. Mas não se trata dos frágeis engenhos voadores construídos por Santos Dumont, que chegaste a conhecer; hoje, enormes aeronaves voam no espaço.” (p. 5) “Hein, Oswaldo? Tu fecharias os olhos, Oswaldo? Não. Tu só o fazias quando no teu refúgio, no aposento que chamavas de ‘palácio de cristal’ . Fora disto, tinhas os olhos bem abertos...” (p. 11)

Esse narrador, ao mesmo tempo que “dialoga” com Oswaldo, também trava uma conversa com a “garrafa”, ou seja, é um bêbado, que vai aos poucos se assumindo como tal. Contudo, é importante que destaquemos que esse “bêbado” é também um “doutor” um médico: “Mais um trago só. Juro que este é último. Afinal, tenho ou não tenho direito? Responde, garrafa...” (p. 42) “Como vês, Oswaldo, não tenho a menor dificuldade em falar sobre tua vida. Meus conhecimentos a respeito são admirados até pelo portuga do botequim ali da esquina; depois de uns tragos, começo a contar a história de tua vida, que ele escuta admirado: mas você sabe tudo sobre esse Oswaldo Cruz! ‘Você’, Oswaldo; não ‘o senhor’, e muito menos ‘o doutor’. Ignorará que sou médico? Talvez. Mas não ignora que sou chegado a um trago, e isto automaticamente extingue as reverências.” (p. 65) “Se eu pudesse falar com Chapot-Prévoist, Oswaldo, eu

lhe narraria a minha história, usando o código com o qual estamos familiarizados, a linguagem do caso clínico. Eis-me, Oswaldo, caso clínico: Homem de trinta e quatro anos, branco. Estado civil: separado. Profissão: médico, mas não muito (curandeiro em potencial? Talvez. Cético demais, contudo, para isso).[...] Queixa-se, este médico de trinta e quatro anos, de angústia existencial, preguiça invencível e uma sede espantosa por qualquer bebida alcoólica[...] É alcoólatra. Dependendo de seu crédito no bar da esquina [...] Conversa muito com a garrafa e também com Oswaldo Cruz, famoso sanitaria já falecido...” (p.188-190) O que une essas duas personagens em quase 100 anos de distância é o cenário, o contexto, pois muitos fatos e acontecimentos “pintam” o cenário brasileiro, enfocando principalmente o Rio de Janeiro, do final do século XIX e início do XX: As epidemias: “Há uma outra doença que, esta sim, se constitui em desafio: a febre amarela. Na última década do século XIX, a doença causou mais de vinte mil óbitos no Brasil” (p. 85) “A peste é diferente, Oswaldo, A febre amarela é uma doença grave., mortal muitas vezes; a peste é isto, e também é sinistra.” (p. 114) “Tu achas, Oswaldo, que a campanha contra a varíola será mais fácil. Afinal, trata-se de uma doença muito contagiosa, que mata ou deforma cruelmente as pessoas, deixando-lhes no rosto marcas indeléveis.” (p. 120) Os “sonhos” de mudanças políticas: “[...] quero transformar o Rio numa cidade civilizada e quero acabar com as doenças que por aqui grassam.” (p. 93) “Estás num Rio que, como diz Pereira Passos, não tem sequer os foros de uma cidade razoavelmente civilizada, quanto mais de uma capital federal.” (p. 106) Sabemos que o final do século XIX e início do XX foram protagonizados as grandes mudanças, pois nasceram as ciências, as indústrias de alastram, o sonho de desenvolvimento chega a todos os lugares, e, no Brasil, no foi diferente. As cidades cresciam e com elas as doenças, as multidões que ocupavam os cortiços, (já denunciadas nas obras realistas e naturalistas). A cidade que deveria representar esse desenvolvimento, estava sendo “manchada” e, portanto, era necessário acabar com essas “marcas”, enfim, civilizar o Brasil. E, o que vemos nesse romance é realmente esse desejo esse “sonho”, só que de muitas perspectivas diferentes, seja como o Oswaldo-sanitarista que procurava acabar com as doenças, seja como o Oswaldo-político que aceitava em ter cidade mais “bela” para atrair ainda mais pessoas para trabalhar nas lavouras de café ou nas indústrias, seja como o Oswaldo-cientista que procura deixar seu trabalho produzir frutos e seja como Oswaldo-homem que sonha com um mundo diferente, com o reconhecimento de seus esforços, etc. Contudo, quase 100 anos se passam, e de um outro tempo dialoga com esse Oswaldo um narrador que sente as mesmas angústias mas não tem a mesma “disciplina” e “esforço” desse cientista, e prefere ficar observando, refletindo e “delirando” com sua capacidade de entrar nos pensamentos alheios e ver além dos seus, por outros olhos o Brasil de final do século XX: “Antes de pegar a bagagem, irá ao banheiro. São limpos os banheiros do aeroporto, como ele constatará, surpreso; banheiros que falam, sem alarde, e talvez sem muita convicção, de um processo civilizatório ainda em curso...” (p. 8) “De novo evocará as recomendações: água, só mineral, e com gás; nada de verduras. Frutas? As que podem ser descascadas. Porque eles têm cólera, neste país.” (p. 33) “Mas a cidade cresceu, incorporou o que era um distante e bucólico subúrbio. E a avenida que o atravessa é tão movimentada que os pedestres só podem cruzá-la em passarela.” (p. 206) Não podemos nos esquecer que o final do século XX (assim aconteceu com o final do século XIX) as promessas de grandes mudanças, sejam para melhor ou para pior, assolaram o mundo, e aqui no Brasil não foi diferente. Há alguns acontecimentos que trouxeram para o povo uma nova “promessa” de desenvolvimento, mas que ao contrário, ao sonho de Santos Dumont que de devaneio virou realidade, os novos “sonhos” passaram rápido de devaneios à loucura: Ø 1989: 1ª eleição direta para Presidente; Ø Início da década de 90: Abertura do mercado nacional; Ø Temporariamente, a capital brasileira volta a ser o Rio de Janeiro (ECO 92); Esses são apenas alguns fatos que marcaram o final do século XX e que poderiam ser a ponte que liga o passado e o presente na obra “Sonhos Tropicais”, mas, além deles, há a grande problemática das epidemias, que marcaram a época de Oswaldo Cruz e marcaram a nossa. Em meados da década de 80, surge novamente foco de febre amarela, a mesma doença que Oswaldo combateu quase um século antes. E, para ajudar, o mesmo mosquito transmissor dessa febre, trouxe uma, então, nova doença: a dengue. Reiniciam campanhas e arrastões – aos molde daqueles de Oswaldo Cruz – para acabar com o mosquito. O cólera, uma doença também considerada muito antiga, voltou a assombrar os brasileiros no início da década de 90. Os casos não eram tantos quanto aos da dengue, porém todos estavam alarmados. O narrador desse romance então, tenta unir essas duas épocas que ao mesmo tempo são tão distantes, são tão próximas, por meio de um único recurso possível de fazê-lo: pelo sonho. “Evoco-te. Falo-te. O Brasil fim-de-século chama o Brasil do começo do século; o astronauta perdido no espaço comunica-se com o planeta Oswaldo.” (p. 11)

Ora, somente pelo sonho, um enredo coerente por ser construído pelo racional (mesmo em bases irracionais, como afirma Freud), que se dá a possibilidade de união passado e presente. E as marcas disso, além das explícitas – das quais já destacamos algumas – são as implícitas como: de um bêbado (a embriaguez leva ao delírio, ao falar sozinho); o “fantasma” de Oswaldo (falar com alguém já falecido é somente por intermédio do devaneio); o refletir e opinar sobre a vida de alguém, mesmo que se estude sua biografia (como no caso do narrador, que se diz estudioso de Oswaldo, porém suas reflexões, seus enxertos na vida dessa personagem só acontece pelo sonho).

## 5. Considerações Finais

---

É por toda essa desenvoltura que podemos concluir que o romance analisado “Sonhos Tropicais”, além de evocar essas duas épocas, se torna ainda muito presente nos nossos dias, pois como vamos nos negar que ainda hoje continuamos a lutar contra as mesmas doenças (sejam físicas, psíquicas ou emocionais), apesar do grande avanço da ciência? Que ainda hoje sonhamos com grandes “salvadores” para a nossa nação. Scliar soube utilizar o que tinha em mãos, sua própria formação tanto médica quanto literária, para dar voz a um narrador que pudesse, no emaranhado de vários gêneros diferentes, vários personagens reais e fictícios, vários dados e fatos reais e romanceados, um enredo ligado pela condição de “sonho” de “devaneio”, ou seja, romper com o racional e mesmo assim obter uma coerência. Por meio desse “sonho” somos capazes de vislumbrar um Brasil que ao mesmo tempo é particular, seja do narrador, do americano, do Oswaldo, etc. é social, é de todos nós, seja ele do passado, do presente e do futuro.

## Referências Bibliográficas

---

SCLIAR, Moacyr. **Sonhos Tropicais**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992

LAPLANCHE, J. PONTALIS, J. B. **Vocabulário da Psicanálise**. 10 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1988

[www.oswaldocruz.br](http://www.oswaldocruz.br)

[www.fiocruz.br/](http://www.fiocruz.br/)

[www.academia.org.br](http://www.academia.org.br)